



ARTIGOS - ARTICLES

A divulgação de conhecimentos científicos no Brasil entre os séculos XVIII e XIX : comentários e reflexões

Paulo Henrique Trentin¹

Professor do Centro Universitário da Fundação Educacional Padre Sabóia de Medeiros (FEI)
trentin@fei.edu.br

Como citar este artigo: TRENTIN, P. “A divulgação de conhecimentos científicos no Brasil entre os séculos XVIII e XIX: comentários e reflexões”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n°7, p. 195-208. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Este texto comenta e apresenta reflexões em relação aos argumentos apresentados por autores, tradutores e outros responsáveis pela divulgação dos conhecimentos científicos no Brasil, do final do século XVIII ao início do século XIX. Seleccionamos para a análise as seguintes obras: *Elementos de Astronomia, 1813, Tratado Elementar de Mechanica, 1812, Tratado de Optica, 1813, Tratado Elementar de Physica tomo II, 181 e o Jornal O Patriota, 1813-1814*. A análise identifica algumas expectativas manifestadas pelos autores, tradutores e editores dos textos seleccionados, como motivações sociais, políticas ou econômicas. Especificamente, destaca-se a relevância de anseios, desejos e expectativas manifestações dos autores dos textos para além da influência do ambiente social, político e econômico ao qual pertenciam. O estudo nos permitiu considerar que não há resposta definitiva acerca das ambições ou expectativas motivaram a divulgar conhecimentos científicos. Porém, no que se refere à “utilidade” que atribuíam ao conhecimento divulgado, foi possível tecer algumas considerações que deverão contribuir para a historiografia acerca do tema.

Palavras-chave: Conhecimento Científico; Utilidade; Divulgação; História da Ciência.

¹ Paulo Henrique Trentin é Professor Adjunto do Centro Universitário da Fundação Educacional Padre Sabóia de Medeiros (FEI) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo (FASB), São Paulo, Brasil. Realiza Pós-Doutorado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), sob Supervisão do Prof. Dr. Thomás S. Haddad. *e-mail:* (1) trentin@fei.edu.br, (2) trentin@usp.br, (3) paulo.trentin@fasb.com.br

The disclosure of scientific knowledge in Brazil between the 18th and 19th centuries: comments and reflections

Abstract: This text reflects on the importance suggested by authors, translators and other persons responsible for the dissemination of scientific knowledge, from the late eighteenth and early nineteenth century in Brazil. We selected the following texts to support our study: *Elementos de Astronomia, 1813, Tratado Elementar de Mechanica, 1812, Tratado de Optica, 1813, Tratado Elementar de Physica tomo II, 181 e o Jornal O Patriota, 1813-1814*. The analysis presents some expectations expressed by the authors, translators and editors of these selected texts regarding the social, political or economic importance they gave to their work. Specifically, we focused on the identification of the manifestations of the authors of the texts, understanding that, in addition to the social, political and economic environment to which they belonged, their yearnings, desires and expectations were also part of the works they constituted. We take as reference authors such as: Luis Miguel Carolino; Maria Odila Leite da Silva Dias and Lorelai Kury, constituting a background in this endeavor. The study we conducted allowed us to consider that there is no definitive answer and that we cannot point out what ambitions or expectations the editors, authors or translators had exactly to disseminate scientific knowledge. However, with regard to the "usefulness" attributed to the knowledge disclosed, we were able to deepen a little more and bring some considerations that may contribute with reflections to what is on the subject.

Keywords: Scientific knowledge; Usefulness, Knowledge Disclosure, History of Science

Introdução

Temos nos debruçado em alguns dos nossos documentos para estabelecer linhas de análise e reflexões relativas a forma, aos objetivos e as expectativas, relativas a divulgação dos conhecimentos científicos sedimentados na Europa entre os séculos XVI e XVII e que chegaram ao Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Estabelecemos como marco a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, no início do século XIX, e a fundação da Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Buscamos algumas razões para que os autores, editores e tradutores divulgassem conhecimentos científicos. Tais reflexões estão centradas na análise de alguns dos textos destinados ao ensino na Academia Real Militar do Rio de Janeiro e, além deles, no Jornal O Patriota. Neles, procuramos analisar

que dimensão os divulgadores davam ao conhecimento científico. Identificamos que o desenvolvimento social e econômico eram as justificativas para a necessidade da propagação de conhecimentos científicos. Porém, buscamos entender o entorno que envolvia as “pretensões” manifestadas pelos responsáveis ao oferecer suas obras recheadas de conhecimento científico.

Ao citarmos o entorno, nos referimos às teias de relações pessoais, às necessidades e outras ambições que envolviam e interferiam em todo o processo de seleção, preparação e disponibilização dos textos do final do século XVIII e início do século XIX no Brasil.

Para tanto, organizamos este artigo em quatro partes. A primeira traz o que consideramos como nossas obras de referência. São trabalhos de pesquisadores que tratam ou têm relação, com os temas chave da nossa investigação que são “o utilitarismo” e as “pretensões” presentes nos textos científicos que selecionamos para análise, que são: *Elementos de Astronomia, 1813, Tratado Elementar de Machanica, 1812, Tratado de Optica, 1813, Tratado Elementar de Physica tomo II, 181 e o Jornal O Patriota, 1813-1814*. Na segunda parte apresentamos alguns apontamentos acerca das perspectivas dos autores, tradutores ou editores que selecionamos para a análise. Na terceira parte, estabelecemos um diálogo entre os nossos apontamentos acerca dos divulgadores das ciências e os referenciais teóricos. Na quarta parte deixamos nossas impressões e comentários relativos ao estudo que realizamos.

Aporte Teórico

Para uma análise documental como a que empreendemos, não bastou a perspectiva dos teóricos que considerassem apenas aspectos da análise de texto; tivemos o cuidado de buscar por referências que considerassem aspectos relativos à divulgação do conhecimento científico no período, como passamos a destacar.

Ao tratar da política científica no início do século XIX, Carolino (2014) chama a atenção para a presença dos princípios iluministas do século XVIII, segundo os quais, conforme a interpretação de dom Rodrigo de Sousa Coutinho, seria necessário um entendimento dos fenômenos naturais para

permitir o uso racional dos recursos disponíveis. Em outros termos, a exploração mais eficiente dos recursos naturais viria como consequência do domínio sobre os conhecimentos científicos até então sedimentados pelas ciências naturais. Assim, o conhecimento e o domínio das ciências naturais, deveria sustentar qualquer intenção de utilização “adequada”, fosse para a defesa de territórios ou para o desenvolvimento de uma nação.

Considerando as ideias de Dom Rodrigo e buscando por alguma referência que tratasse especialmente deste momento identificamos que, para Dias (2009), a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, representou o marco para que o Brasil desempenhasse um papel central dentre os outros subordinados ao domínio da Coroa Portuguesa. O fato de Dom Rodrigo fazer parte da comitiva da Coroa Portuguesa no Brasil, favoreceu a implementação de sua política científica. Ele almejava dirigir-se aos governadores das principais capitanias brasileiras, tais como: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. Sua justificativa era de que os resultados científicos permitiriam explorações mais eficazes dos recursos disponíveis nas terras sob os cuidados dos governadores. Nota-se, então, o propósito fundamental que entendemos estar no cerne de quaisquer outras justificativas apresentadas nos textos selecionados e analisados.

Assim como na Europa, o componente utilitário atribuído à Ciência fora a tônica das produções destinadas ao ensino na Academia Real Militar brasileira e em publicações destinadas à divulgação das ciências em terras brasileiras, dentre as quais destacamos o *Patriota*. Nota-se que Dom Rodrigo estava no centro da modernização e racionalização. Ele contava com uma ampla rede de relações com intelectuais e homens das ciências constituída ao longo de sua carreira política iniciada em Portugal.

Podemos propor que os ideais iluministas foram o traço marcante nas produções destinadas à divulgação das ciências. No bojo de seus propósitos estava o tratamento dado ao Estado como responsável por oferecer toda a infraestrutura necessária ao desenvolvimento científico e à formação de pessoas que protagonizassem o processo de atendimento a todas as necessidades sociais. Neste sentido, devemos considerar que não havia massa

crítica para tais ambições em terras brasileiras. Lembremo-nos de que, antes da instalação da Corte no Rio de Janeiro, pouco interessou ao Reino de Portugal que o Brasil pudesse formar pessoas para empreender uma política científica, como pleiteava dom Rodrigo. Mas, o que pensavam os autores, tradutores e editores de obras que tiveram a publicação autorizada com a chegada e a instalação da Coroa Portuguesa no Brasil? Passemos a análise dos textos selecionados.

Os autores, Tradutores ou Editores: Intenções e Preocupações

Qualquer recorte que nos propuséssemos a realizar escolhendo este ou aquele material, texto, obra, autor ou período, poderia representar uma forma de privilegiar algumas escolhas em detrimento de tantas outras. Mas estabelecer um referencial era necessário. A escolha teve com referencial certo marco temporal e especificamente uma instituição e um período nesta instituição: no caso a Academia Real Militar do Brasil e a possibilidade de acesso a determinados materiais que circundaram, em anos anteriores, a sua fundação e, anos posteriores, o seu funcionamento. Fomos garimpando aqui e ali materiais que, de certa forma, cuidavam da apresentação de conteúdos relativos a ciências como Astronomia (Guimarães, 1813a), Mecânica (Pereira, 1812), Óptica (Guimarães, 1813b) e Física (1810), além de O Patriota (1813-14).

Consideramos que outros documentos históricos poderiam ser escolhidos, mas não pretendemos (nem acreditamos ser possível) esgotar todas as possíveis formas de se olhar para os referidos textos. Entendemos que outros olhares devam ser realizados futuramente e serão importantes para enriquecer as reflexões que aqui iniciamos. Em questão está a perspectiva de como os autores dessas obras entendiam sua “utilidade”, na perspectiva pragmática que a palavra sugere. Que “utilidade” seria esta mencionada? Por quê oferecer este ou aquele tema e com qual pretensão? Colocamo-nos somente como os que se incubem de apresentar a perspectiva dos proponentes (autores, tradutores e editores) das obras selecionadas.

Iniciamos nossas considerações pela obra *Elementos de Astronomia* que afirma na Advertência, na página 1:

Os presentes Elementos são compilados dos mais célebres Authores, que tem escrito sobre Astronomia, não só dos apontados na Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810 no tit. 11. § 4, mê de outros, que consultei, quando me permittio a brevidade do tempo. A Astronomia Physica de Biot, as Obras de Vincent de Mackay, e outros Astronomos Inglezes fornecerão muitas luzes para este Compendio, o qual me parece conter daquela Sciencia os conhecimentos necessários a hum Militar. Por tanto he neste ponto de vista que deve pezar-se o seu merecimento.

O componente utilitário destacado pelo autor refere-se à formação militar dos estudantes. Há claras evidências na obra, e no trecho mencionado, de que o autor, Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (Trentin, 2011), por seu engajamento militar, tenha como dimensão tal perspectiva. Além do mais, não nos esqueçamos de que suas relações estreitas com dom Rodrigo de Sousa Coutinho o obrigavam a alinhar o discurso a necessidade de defender a coroa. Em algumas circunstâncias, como evidenciamos em outras pesquisas sobre o autor, ele utilizava pseudônimos e tecia comentários que por vezes não se alinhavam às pretensões da coroa portuguesa. Por exemplo, vê-se alguns comentários no Jornal Patriota sob o pseudônimo de *El Hermano Baienese (O Patriota)*. 1813-14). Aliás, consideramos peculiares as diversas atividades que Araújo Guimarães assumiu ao longo de sua vida, tais como tradutor, autor e editor. Seu trabalho de organização dos *Elementos de Astronomia* favoreceu a inserção no texto de aspectos relativos à Astronomia que circulavam nos renomados centros da época, Inglaterra e França.

Há, no texto, a interpretação do autor das obras de apoio e um cuidado em apresentar detalhes teóricos e fundamentações matemáticas, como ele costumava fazer. Analisando a construção sugerida por Araújo Guimarães notamos que ele incorporou parte do conhecimento científico relativo à Astronomia de sua época. Porém, a quem se destinou de fato a consulta e a utilização de tão rica produção? O corpo de conhecimento do qual tratou a obra foi trabalhado pelos estudantes. Produziu efeitos práticos ou, quando muito, apenas erudição? Difícil responder a estas questões. Assumia-se então que a erudição seria necessária para a abstração que o homem deve cultivar para tornar-se livre. A pretensão então, seria de que em algum momento ocorreria uma revolução intelectual da sociedade brasileira, se é que poderíamos reconhecer a existência de uma tal sociedade brasileira.

Passando a análise do *Tratado Elementar de Machanica*, de autoria de Costa Pereira em 1812, entendemos que o texto considera de início a relação de obras de referência e autores que consultou para a preparação de seu texto. Sua perspectiva para a elaboração do livro, também coerente com os ideais do iluminismo francês, está sustentada por autores como Gaspard-Clair-François-Marie Riche de Prony (1755-1839), que se destacou por inúmeros trabalhos referentes a movimentos dos corpos e outros, empregados na formação de engenheiros franceses incluindo aplicações práticas; Charles Bossut (1730-1814) que produziu trabalhos conceituais a respeito de física-matemática e de aplicações à formação de engenheiros franceses como o tratado de Hidrodinâmica no qual apresenta aplicações de princípios da física como fundamentação matemática, para a construção de diques. Vemos que a utilização deste último autor por Costa Pereira se deve às inclinações para a matemática de Bossut que, dentre seus trabalhos, publicou obras destinadas a uma revisão da história da matemática.

Na obra *Tratado de Optica* de 1813, o autor Araújo Guimarães, que entendemos ser o tradutor, tem como referência a produção de La Caille, Nicolas-Louis de La Caille (1713-1762), da qual ele extraiu as chamadas “Lições Elementares de Optica” e, como de costume, fez a apresentação das ideias relativas à óptica com as fundamentações matemáticas. Porém, sem um componente voltado para a formação de engenheiros ou para a vida do cidadão comum. Assim, notamos uma construção um pouco mais teórica e que seguiu a linha da obra original de La Caille, intitulada *Leçons élémentaires d'optique*, datada de 1756.

No tomo II da obra *Tratado Elementar de Physica* de 1810 não pudemos identificar o tradutor. Identificamos, porém, que a obra de referência para a preparação do texto mencionada foi de autoria do Abade Hauy, um cônego da igreja metropolitana de Paris. Visitamos a obra original o *Traité élémentaire de physique*, de 1806, e identificamos que o nome completo do autor era René-Just Haüy (1743-1822). Na comparação entre as obras fora preservado a estruturação dada pelo autor original, sem inserções, comentários adicionais ou notas. Desta forma, não houve como identificar as considerações do tradutor sobre alguns dos pontos que buscamos analisar. Nos chamou atenção o fato de

que o original é de 1806 e a tradução a tradução em português é de 1810, ou seja, foram quatro anos para a organização da tradução. Mas, somos tentados a atribuir o trabalho de tradução a Araújo Guimarães, fundamentados no seu histórico de traduções em tempo recorde e por possuir inigualável habilidade, adquirida ao longo de anos de trabalhos realizados. Além do mais, Araújo Guimarães dominava, além do francês, o latim.

Consideramos como mais importante para este artigo as análises que realizamos das publicações no jornal literário *O Patriota*, no período de editoração de Araújo Guimarães. Analisamos todos os números e identificamos as considerações do editor, que traziam sua perspectiva a respeito da necessidade para a vida cotidiana dos conhecimentos científicos que recheavam o periódico sob sua tutela. Identificamos e agrupamos os posicionamentos do editor, procurando evitar repetições. Vamos aos apontamentos.

No jornal *O Patriota* o editor manifesta entender sua responsabilidade em oferecer material escrito, e que terá o cuidado com a seleção das notícias nacionais estrangeiras, dando prioridade às nacionais. Além do mais, ele (o editor) escreveu que pretendia oferecer, com periodicidade, trabalhos de reconhecida aplicabilidade, referindo-se a uma necessidade social brasileira preeminente. Araújo Guimarães manifesta que é alvo de invejas, acusações e questionamentos diversos, mas que deveria permanecer seguindo com sua vontade de oferecer conhecimento a todos os que dele necessitassem. Ele inicia a edição com o texto *Memória Sobre o emprego do assucar combinada com a pólvora, extrahida do Reportono das Artes, Manufacturas e Agricultura (O Patriota., 1813-14)*.

Lembre-mo-nos que para Alfonso-Goldfarb e Ferraz (2002) a institucionalização das ciências no Brasil ocorreu em meio à fragilidade e à burocracia das instituições brasileiras. Instituições essas guiadas por interesses dos monarcas e com ênfase no conhecimento das chamadas coisas brasileiras, incompleto ou equivocado. Para as historiadoras, existiu um interesse na formação de oficiais e engenheiros que pudessem se dedicar à defesa e à segurança dos domínios territoriais. Isso fez com que D. João promulgasse, em

1810, uma carta régia criando a Academia Real Militar para que, em tese, se estabelecesse um curso completo de ciências matemáticas, bem como de todas aquelas ciências que favorecessem o conhecimento militar em todas as suas peculiaridades. A carta régia detalhava o funcionamento do curso em seus sete anos, com o programa das diferentes cadeiras, nomeando os autores e as obras que deveriam ser seguidos, entre outras questões. Porém, a vontade de organizar um corpo de profissionais para a garantia do domínio do território foi acompanhada pela falta de um prédio com instalações adequadas e equipado, além da dificuldade para contratar professores e a quase total ausência de livros.

A respeito dos livros, cumpre-nos dizer que havia uma série de obras traduzidas para o uso em Portugal, sob responsabilidade de Araújo Guimarães, no período em que concluía seus estudos em terras portuguesas. Essa atividade despertou o interesse de dom Rodrigo para servir a Academia Real. Observam Alfonso-Goldfarb e Ferraz que pouco se podia considerar como investigação nessas escolas do século XIX, pois dominava a inclinação para uma formação profissionalizante. As pesquisadoras acrescentam que durante o período colonial foram frustradas todas as tentativas de formar academias ou outros centros voltados à discussão ou pesquisas, tendo como referência, o modelo inglês ou francês². Outro aspecto para o qual pretendemos chamar a atenção tem relação com a divulgação. Alfonso-Goldfarb e Ferraz consideram-na como um componente fundamental para que o binômio formado pelo ensino e a investigação tivesse êxito no processo de institucionalização da ciência.

Em nossa opinião manifestações com as de Araújo Guimarães pareciam fora da realidade à época e soavam como uma obrigação, um sonho ou uma leitura equivocada. Uma obrigação, à medida que a coroa financiava toda a parte acadêmica, incluindo publicações e a manutenção da recém fundada Academia Real Militar. Um sonho ou uma leitura equivocada, pois a experiência da formação no exterior dos talentos arregimentados por Dom

² Alfonso-Goldfarb e Ferraz, Raízes Históricas da Dificil Equação Além desse trabalho há uma referência no trabalho de Márcia H. M. Ferraz —As Ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química”, na p.20, sobre Basalla para tratar das etapas para a institucionalização de área do conhecimento científico.

Rodrigo, favorecia a que projetassem expectativas sobre uma população, que não representava massa crítica para atender a ambição de institucionalização de áreas do conhecimento científico, por exemplo.

As Obras Analisadas e os Referenciais Teóricos

Entendemos como os divulgadores os autores, tradutores e editores foram encaminhados para reverberar, em terras brasileiras, o conhecimento científico. Nesta parte, portanto, vamos desenvolver algumas considerações tramando os apontamentos teóricos e os apontamentos das obras de divulgação que linhas acima apresentamos. Cabe lembrar que nosso fio condutor está situado nas considerações acerca do pragmatismo atribuído ao saber científico.

Para Carolino (2014), a presença dos princípios iluministas impunha o uso racional dos recursos e a exploração mais eficiente da natureza, dialogava com os conhecimentos científicos sedimentado pelas ciências naturais. Isto, vimos em inúmeros trechos de divulgação ecoando no Brasil, numa espécie de discurso que daria uma garantia do qual necessário seria investir na divulgação dos conhecimentos a todos que dele pudessem se apropriar. Veja, como exemplo, um trecho escrito por Araújo Guimarães:

Sei que muitos presumidos Sabios olhão com desprezo para semelhantes trabalhos, a que nunca se dedicarão, e dos quaes por consequência ignorão todo o pezo. Aquelle que sacrifica as horas de seu descanso a comunicar aos seus compatriotas conhecimentos que, sem elle, lhes serião vedados, ou ao menos pouco vulgares, se considera como hum servil copista, que não tem fadiga alguma, salvo a de transcrever as palavras do Author, empreza, segundo elles muito fácil. Eu não faço a minha apologia, nem a sátira delles. Contento-me com ser útil e lhes deixo o vão officio de declamadores (Legendre, Elementos de Geometria, p.3).

O tradutor além de ter se colocado como alguém que respeitaria fielmente o texto transcrevendo as palavras de Legendre, reconheceu que seu trabalho não deveria ser considerado como algo de pouco importância. Para o tradutor sua produção representava uma forma de oferecer ao povo brasileiro uma obra de reconhecido merecimento na Europa. Araújo Guimarães tinha a dimensão exata do que representaria a tradução de Legendre para o ensino de Matemática no Brasil.

Façamos um aparte para lembrar que quando embarcou da Bahia em 1791, Araújo Guimarães desejava ter se dirigido à Universidade de Coimbra, mas não pôde devido às limitações financeiras de sua família. Tempos depois, casado e com uma família para manter, só conseguiu realizar seu desejo por ter recebido uma bolsa do governo português, na Academia Real dos Guardas-Marinha. Ainda aluno, dando aulas para manter-se e complementar a ajuda do governo, Araújo Guimarães combinou seu domínio do Latim e do Francês e em 1800 vislumbrou a possibilidade de elaborar traduções. Essa foi uma atividade que realizou durante boa parte de sua vida: traduzia obras de referência, para as que se relacionavam ao ensino da matemática. Então, em 1800 a tradução da obra de La Caille, que era uma referência na academia portuguesa em que estudava, lhe rendeu a confiança de Dom Rodrigo de Souza Coutinho. Assim, como exemplo, Araújo Guimarães não era um iniciante, ou apenas um indicado para realizar o trabalho de tradução de Legendre por amizades e bons relacionamentos. Ele já dispensava qualquer apresentação, pois acumulava a experiência de publicações e de regência de aulas de matemática na Bahia e em Portugal, havia pelo menos nove anos. Mas é inegável que a influência de Dom Rodrigo favoreceu sua indicação.

Vimos, nas palavras de Dias (2009, p.17), que a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, no início do século XIX, representou o marco para que o Brasil desempenhasse um papel central dentre os outros subordinados ao domínio da Coroa Portuguesa. Nesta perspectiva os ideais de política científica que Dom Rodrigo almejava dirigir aos governadores das principais capitanias brasileiras trazia o componente utilitário. E ao lado de Dom Rodrigo estavam pessoas como Araújo Guimarães, José Saturnino da Costa Pereira e outros.

Considerações Finais

Entendemos não haver uma resposta final para a questão que nos orientou na produção deste texto. Não há como afirmar quão utilitário era o conhecimento científico que os divulgadores ofereciam à sociedade brasileira do início do século XIX. Não há como afirmar a existência de uma sociedade

intelectualizada, ou que pensava num Brasil além daquele que pudesse servir aos interesses da Coroa Portuguesa.

Houve por parte dos divulgadores a vontade e a crença de que, de fato, a divulgação de conhecimentos científicos seria a base para uma sociedade que se alinharia às nações europeias da época. Contudo, como pensar num equilíbrio social que favorecesse a instalação de preocupações com o desenvolvimento da Ciência, ou mesmo com a utilização e aplicação de conhecimentos para o desenvolvimento social se a preocupação predominante era com a sobrevivência? Conforme considerou Pijning:

A sociedade colonial era fortemente estratificada. Andando pelas ruas do Rio de Janeiro, era possível distinguir diretamente o status das pessoas por sua aparência e trajes.¹⁰ Nos desfiles, datas religiosas e festividades públicas, em ocasiões públicas e privadas e mesmo na morte, os códigos de vestimenta indicavam esse status. Todos os habitantes – de escravos africanos até o vice-rei – procuravam indicar sua posição social tornando-se membros de irmandades, ordens-terceiras, da Santa Casa da Misericórdia, ou pelo trabalho em qualquer órgão público. Era esperado que os habitantes do Rio de Janeiro se vestissem e se comportassem de maneira adequada à sua posição (qualidade), pois esse sistema de desigualdade estava institucionalizado pela lei e pelo costume (2001, p.18).

Vislumbrar que não havia condições sociais para que as ambições dos divulgadores pudessem ser contempladas é o que nos resta pensar. Porém, deixamos nossa impressão de que o desejo dos divulgadores se alinhava a um desejo visionário de uma sociedade equilibrada a tal ponto de poder ter preocupações com o domínio, a produção e a utilização de conhecimentos científicos de toda a natureza, fossem eles mera erudição ou pragmáticos.

As análises e os desdobramentos apresentados neste texto oferecem as bases para a constituição das referências bibliográficas utilizadas no Brasil, no período em questão³. Por exemplo, percebemos uma intensa participação de Araújo Guimarães, não só como um mero tradutor, mas como alguém que propôs mudanças, mostrando sua discordância com o que estava sedimentado em algumas referências destinadas ao ensino da Matemática.

³ Trentin, Paulo H.. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838): elementos necessários para uma revisão da História da Matemática no Brasil. *Intelligere, Revista de História Intelectual* ISSN 2447-9020 - v. 3, n. 1, 2017.

Os desdobramentos que realizamos, também, nos permitiram identificar teias de relações pessoais, necessidades e outras ambições que envolveram e interferiram em todo o processo de seleção, preparação e disponibilização dos textos. Eles possibilitam outros olhares para enriquecer a discussão relativa à temática da publicação e divulgação da História da Ciência no Brasil.

Referências Bibliográficas

ALFONSO-GOLDFARB e FERRAZ. *Raízes Históricas da Difícil Equação*. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13555.pdf>

CAROLINO, Luís Miguel. Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, a ciência e a construção do império luso-brasileiro: a arqueologia de um programa científico. In: *Formas do Império: Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora: Paz e Terra, 2014.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da Metrópole e Outros Estudos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, 2ª edição.

FERRAZ, Márcia H. M.. *As ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: Editora da PUC-SP/FAPESP, 1997.

GUIMARÃES, Manoel Ferreira de Araújo. *Tratado de Trigonometria*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1809.

GUIMARÃES, Manoel Ferreira de Araújo. *Elementos de Astronomia*. . Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1813a.

GUIMARÃES, Manoel Ferreira de Araújo. *Tratado de Optica*. . Rio de Janeiro: Imprensa Régia 1813b.

KURY, Lorelai . *Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)*, História, Ciência e Saúde – Manguinhos. Vol.11(suplemento), 2004.

O PATRIOTA. *Jornal Litterario, Político, Mercantil, etc. do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1813-14.

PEREIRA, José Saturnino da Costa. *Tratado Elementar de Machanica*. . Rio de Janeiro: Imprensa Régia 1812.

KURY, Lorelai . *Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)*, História, Ciência e Saúde – Manguinhos. Vol.11(suplemento), 2004.

PIJNING, Ernst. *Contrabando, ilegalidade e medidas políticas no Rio de Janeiro do século XVIII*. Rev. bras. Hist. vol.21 no.42 São Paulo, 2001.

TRATADO ELEMENTAR DE PHYSICA tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Régia 1810, não identificado o tradutor.

TRENTIN, Paulo H.. MATEMÁTICA NO BRASIL: As Traduções de Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838) das Obras de Adrien Marie Legendre. Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

TRENTIN, Paulo H.. Manoel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838): elementos necessários para uma revisão da História da Matemática no Brasil. *Intelligere*, Revista de História Intelectual ISSN 2447-9020 - v. 3, n. 1 , 2017.